



Editorial

Caros leitores, não obstante a gravidade do momento vivido neste ano de 2020 e de seus efeitos sobre o que convencionamos como padrão de normalidade quanto ao curso de nossas vidas, a equipe REOESTE mantém seus esforços, trazendo à luz, neste número, quatro novas contribuições ao pensamento, reflexão e debate científicos. No artigo que abre essa série, Almeida e Silva Júnior abordam a evolução e possíveis perspectivas do uso de modelos macroeconômicos. Mudanças e limites quanto ao desenvolvimento e uso desses modelos no caso do Brasil constituem objeto central da reflexão proposta pelos autores com base em um resgate teórico e metodológico sobre o tema. No artigo seguinte, Ferreira Filho e Fraga examinam a possível relação entre a crise vivida pela economia brasileira a partir de meados de 2014 e o conjunto de mobilizações sociais em larga escala, associadas a protestos populares com motivações variadas, ocorridas pelo país no ano anterior, que caracterizam o que se denomina, no contexto da discussão, “Primavera Brasileira”. Os autores, a partir de um referencial teórico minskyano e com base em uma investigação econométrica, com vistas a identificar possíveis quebras estruturais, argumentam que os eventos que caracterizaram a “Primavera Brasileira” parecem ter somente antecipado o fim inevitável de um ciclo de crescimento, ocorrido na década anterior, cuja insustentabilidade e conseguinte esgotamento decorreriam essencialmente de fatores limitadores de ordem estrutural antes que de elementos conjunturais. No terceiro artigo deste número, assinado por Salles e Linhaus, o consumo em sua forma contemporânea é analisado sob uma perspectiva institucionalista. A discussão enfatiza três aspectos centrais do problema que, segundo os autores, são ainda relativamente pouco tratados no debate econômico, a saber, a distinção social, o distanciamento da realidade e o entendimento de que o consumo pode gerar felicidade. Conceitos e princípios teóricos pertinentes à investigação do objeto são abordados e discutidos sob as perspectivas de Pierre Bourdieu, Jean Braudillard e Zygmunt Bauman. No artigo final, Neves et al. examinam as mudanças ocorridas na composição do desemprego no Brasil, no primeiro trimestre de 2018 e no primeiro trimestre de 2019. A decomposição proposta dos indicadores utiliza a metodologia proposta por Corseuil et. al (1997). Os resultados obtidos evidenciam uma alteração no perfil dos desempregados no Brasil ao longo do tempo. Em particular, destaca-se que categorias, antes consideradas como relativamente imunes ao desemprego, passaram a ter dificuldades de inserção no mercado de trabalho brasileiro. Desejamos a todos uma valorosa leitura.

Sérgio Fornazier Meyrelles Filho
Editor